

As mulheres nas “poesias bíblicas” de Daniel Faria

Marcus Mareano ¹

Resumo: Daniel Faria, poeta português de rápida passagem pela vida (1971-1999), demonstra uma proximidade com a transcendência, o gosto pela solidão e o rigor literário. Ele atenta para o simples, o cotidiano e o corriqueiro a fim de expressar intimidades do coração humano, sedento pelo divino. Por sua formação teológica e sua vida monástica, suas poesias são repletas de interlocução com os textos sagrados dos cristãos (Antigo e Novo Testamento), com os místicos (São João da Cruz e Santa Teresa de Jesus) e com a literatura portuguesa (Ricardo Reis e Luiza Neto Jorge). A apresentação examinará a leitura poética que Daniel Faria faz de alguns textos bíblicos, especialmente, os que tematizam o feminino. Partiremos dos motivos pelos quais o poeta desenvolve esses temas: sua formação no seminário, sua vida solitária, o gosto e o talento pela Literatura. Em seguida, elegemos uma série de poesias cujos títulos são personagens, eventos e referências bíblicas diretas da obra “Homens são como lugares mal situados” (2016). Nela, um grupo de poesias destaca explicitamente o gosto do autor pela Bíblia quando apresenta, nos respectivos títulos, personagens, eventos e referências bíblicas: Sara, A escrava de Sara (Gn 21,8-21), Separação de Abraão e Lot (Gn 13), A morte de Jonatas (2Sm 117-27), Sarepta (1Rs 17,7-24), Eliseu (1Rs 19,19-21), Sunam (2Rs 4,8-37), Junto dos rios da Babilônia [Sl 136 (137)], O regresso dos rios da Babilônia, Elogio da mulher (Pr 3,14), Coeleth (Ecl 12,1-7), Raquel (Jr 31,15), Lamentações (Lm 1), Ezequiel (Ez 12,1-20), A mulher adúltera, Filho pródigo e Zaqueu. Em meio aos “poemas bíblicos”, um grande número recebe nome de personagens femininas e com características comuns: predominância de coadjuvantes, ausência de heroínas e foco nos instantes de sofrimento. Dedicaremos maior espaço para análise dessas poesias com a presença do feminino a fim de elencar pontos em comum entre elas, as relações com os respectivos textos bíblicos e destacar o drama, a angústia, o sofrimento e, algumas vezes, a redenção das mulheres na poesia de Daniel Faria. Um poeta da nostalgia de Deus, da contemplação do cotidiano e da sensibilidade aguda para observar a beleza de um detalhe e expressar de forma mais bela ainda.

Palavras-chave: Poesia. Bíblia. Mulher. Daniel Faria. Mística.

INTRODUÇÃO

Este ensaio examina a leitura poética que Daniel Faria faz de alguns textos bíblicos, especialmente, os que tematizam o feminino.

Partiremos dos motivos pelos quais o poeta desenvolve esses temas: sua formação no seminário, sua vida solitária, o gosto e o talento pela Literatura. Em seguida, elegemos uma série de poesias cujos títulos são personagens, eventos e referências bíblicas diretas. Em meio aos “poemas bíblicos”, um grande número recebe nome de personagens femininas e com características comuns.

¹ Bacharel em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Bacharel e mestre em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Doutor em Teologia pela Universidade Católica de Lovaina (KU LEUVEN) e pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Professor de Teologia na PUC-MG. E-mail: marcusmareano@gmail.com

Dedicaremos maior espaço para análise dessas poesias com a presença do feminino a fim de elencar pontos em comum entre elas e destacar o drama, a angústia, o sofrimento e, algumas vezes, a redenção das mulheres na poesia de Daniel Faria.

1 DANIEL FARIA E O PRESSUPOSTO BÍBLICO-TEOLÓGICO

Daniel Faria é um desses meteoros literários que surgiu e rapidamente passou entre nós, como por exemplo, o brasileiro Torquato Neto, morto aos trinta e dois anos de idade.

Na sua curta biografia consta que nasceu em um Sábado Santo, no dia 10 de abril de 1971, em Baltar, Paredes, próximo à cidade do Porto (FURTADO, 2007, p. 122). Desde cedo, interessou-se pela leitura e pela escrita e, ainda muito jovem, publicou algumas obras: “Uma cidade com muralhas” (1991), “Oxálida” (1993); “A casa dos ceifeiros” (1993). No ano seguinte, ele opta por morar e estudar no seminário maior do Porto.

Em 1996, Daniel Faria concluiu o curso de Teologia. Durante esse curso, ele se sensibiliza para as relações entre Teologia, Artes e Literatura. Ao invés de se tornar padre após o curso, Daniel Faria deixa o seminário e ingressa no noviciado beneditino, no mosteiro de Singeverga (AZEVEDO, 2010, p. 53). Como aspirante a monge, ele publica em 1998: “Explicação das árvores e outros animais” (FARIA, 2016a) e “Homens são como lugares mal situados” (FARIA, 2016b).

Daniel Faria faleceu em 9 de junho de 1999, com vinte e quatro anos, por causa de uma queda doméstica (FURTADO, 2007, p. 122). Após sua morte, publicou-se, no ano dois mil, “Legendas para uma casa habitada” e “Dos líquidos”. Ele ganhou diversos prêmios literários e colaborou em diferentes revistas.

Tal percurso de vida demonstra a proximidade do poeta com a transcendência, o gosto pela solidão e o rigor literário. Ele atenta para o simples, o cotidiano e o corriqueiro para expressar intimidades do coração humano sedento pelo divino. Um contemplativo desassossegado consigo mesmo, com o mundo e com Deus. Alguém com os olhos nas coisas terrenas e divinas e que se situa desconfortavelmente nesse plano, como se expressa no poema que deu título ao livro (FARIA, 2016b, p.15):

Homens são como lugares mal situados
Homens são como casas saqueadas
Que são como sítios fora dos mapas
Como pedras fora do chão
Como crianças órfãs
Homens sem fuso horário
Homens agitados sem bússola onde repousem
(...)

Por sua formação teológica e sua vida monástica, suas poesias são repletas de interlocução com os textos sagados dos cristãos (Antigo e Novo Testamento), com os místicos (São João da Cruz e Santa Tereza de Jesus) e com a literatura portuguesa (Ricardo Reis e Luiza Neto Jorge) (FURTADO, 2007, p. 122). Uma poesia metafísica, com teor meditativo e silencioso, onde se entrelaçam luz e sombra, sigilo e palavra, por isso frequentemente enigmática e que exige uma interpretação atenta por parte do leitor. Destaca Alves (2007, p. 105): “Daniel Faria é um poeta dos anos 90 muito mais próximo de poetas de uma tradição ontológica, sejam eles os paradigmáticos Hölderlin e Rilke, sejam os portugueses Ruy Belo e Herberto Helder no que estes têm (ainda que diferentes entre si) de tensionadores da relação entre o humano e o sagrado, entre o mundo presente e mezinho, entre a palavra poética fundadora de mundos e a palavra cotidiana”.

Bíblia, Literatura e mística não se contradizem ou se opõem nas poesias de Daniel Faria. O autor se coloca na esteira de tantos outros na história do pensamento, que expressaram a transcendência por meio da linguagem humana, como também fizeram com outros propósitos, os autores bíblicos. Metaforicamente, Daniel Faria continua com sua poesia as últimas páginas do Apocalipse, pois narra o *tremendum et fascinans* com palavras.

Elas parecem com instrumentos de trabalho para a arte da escrita (FARIA, 2016a, p. 79):

Pousa devagar a enxada sobre o ombro
Já cavou muito silêncio
Como punhal brilha em suas costas
A lâmina contra o cansaço.

2 AS POESIAS BÍBLICAS

Na obra “Homens são como lugares mal situados”, um grupo de poesias destacam explicitamente o gosto do autor pela Bíblia quando apresenta, nos respectivos títulos, personagens, eventos e referências bíblicas: Sara, A escrava de Sara (Gn 21,8-21), Separação de Abraão e Lot (Gn 13), A morte de Jonatas (2Sm 117-27), Sarepta (1Rs 17,7-24), Eliseu (1Rs 19,19-21), Sunam (2Rs 4,8-37), Junto dos rios da Babilônia [Sl 136 (137)], O regresso dos rios da Babilônia, Elogio da mulher (Pr 3,14), Coeleth (Ecl 12,1-7), Raquel (Jr 31,15), Lamentações (Lm 1), Ezequiel (Ez 12,1-20), A mulher adúltera, Filho pródigo, Zaqueu (FARIA, 2016b, p. 43-60). Ainda há nesse conjunto uma poesia com o título de “Charles de Foucauld” (FARIA, 2016b, p. 61), que não constitui um personagem bíblico. Sugestivamente, esse ciclo é precedido pelo título “Se fores pelo centro de ti mesmo”, como um indicativo de um autocentramento.

Daniel Faria capta um momento do texto bíblico para desenvolver sua poesia. Não se trata de mera reapresentação, mas deslumbre frente a um detalhe passageiro, geralmente, por gosto dele, trágico.

3 AS MULHERES NAS POESIAS BÍBLICAS

Dentre esses poemas, os que se intitulam com nomes de mulheres trazem características próprias.

Conforme visto, Daniel Faria se refere diretamente a textos bíblicos, inclusive deixando a referência à passagem no próprio título. Ora ele escolhe personagens: Sara, Agar, Eliseu, Coeleth, Raquel, Filho pródigo, Zaqueu. Ora ele escreve sobre eventos: separação de Abraão e Lot, Junto aos rios da Babilônia, O regresso dos rios da babilônia, Elogio da mulher, Lamentações, A morte de Jonatas. Nota-se em maior quantidade as personagens femininas do que as masculinas.

A primeira delas é a mulher do “pai da fé” para os judeus, Abraão. Nos relatos bíblicos, ela aparece em referência ao patriarca e para gerar a descendência prometida. No poema, ela rouba as atenções do leitor para sua solidão defronte à destruição, possível alusão ao episódio de Sodoma e Gomorra (Gn 19,1-29) (FARIA, 2016b, p. 43):

Sara senta-se nos degraus das casas destruídas
Sara é o nome do deserto

É o nome da videira estéril
É o nome à espera de ter filhos

Sara está velha de estar
Sozinha. Está sentada e desfaz
A bainha dos seus vestidos

Há semelhanças entre as casas destruídas, o deserto, a esterilidade, a espera por filhos, a velhice, o isolamento e a ocupação nostálgica de cuidar da bainha dos vestidos. O motivo da velhice é a solidão e não a idade. Tais detalhes não se encontram na Bíblia, mas no eu lírico a fim de tematizar a angústia.

Em contrapartida, Agar, a escrava de Sara, é apresentada como arbusto por duas vezes, mesmo situando o poema no deserto que se repete três vezes (FARIA, 2016b, p. 44):

No deserto há uma mulher e um arbusto
E a mulher é Agar

Sentada no odre vazio
Com olhos cheios de lágrimas

À distância de um tiro de arco
Para não ver filho morrer

No deserto há um poço. A mulher
Escolhida no Egito

No deserto há um flecheiro
O menino que dormiu sob o arbusto

Agar tem um véu que voa
 Ao lado das setas do seu filho

O eu lírico se centra no lado triste do episódio, pois, conforme a referência bíblica do título (Gn 21,8-21), o menino cresceu, residiu no deserto e se tronou flecheiro (Gn 21,21). As mulheres expressam, nas poesias, sentimentos de dor e sofrimento: Sara por causa da esterilidade e Agar pelo menino prestes a morrer. Em um diário, Daniel Faria escreve sua afinidade com a morte como comenta Carlos Azevedo: “Se eu um dia me suicidar, não há-de ser pela infelicidade da minha vida, mas pela felicidade da morte. Nada, como a morte, às vezes, me é tão sedutor. Não é dor, nem medo, nem ausência, nem peso. É apenas essa estranha leveza de não-ser e de tão pouco ser isso”. (AZEVEDO, 2010, p. 54).

Na sequência, a próxima mulher é uma viúva que perde o filho. Para aquela sociedade patriarcal, essa classe era desprovida de sustento material e ficava à mercê da caridade social (MONLOUBOU; DU BUIT, 2003, p. 822-823). O título do poema, Sarepta (1Rs 17,7-24), remete ao episódio no qual Elias multiplica o óleo e a farinha. Contudo, a informação da viuvez só ocorre no último verso (FARIA, 2016b, p. 47):

Fora dos muros da cidade me visitou
 Junto dos muros
 Equilibrou-me o feixe de lenha na cabeça
 De um modo que me abençoava
 E como pedra que medita no coração
 De pedreiro
 Voltei de novo para casa
 E acrescentei a sua ausência
 À viuvez.

O eu lírico foca o momento do encontro da mulher com Elias e a expectativa da morte iminente. Dentre os textos selecionados, pela primeira vez, utiliza-se a primeira pessoa. Furtado (2007, p. 126) observa: “É como se o sujeito poético se colasse à personagem – no caso, a viúva de Sarepta que acolhe o profeta. A palavra mais forte é ‘abençoava’, uma vez que foi o encontro com esse homem de Deus que melhorou a pobreza da viúva e do seu filho, salvando a ambos da morte”. Contudo, a poesia destaca mais a solidão, a nostalgia e a ausência associada à viuvez do que a bênção do profeta.

Semelhantemente, a poesia seguinte apresenta outra mulher anônima e o encontro com um profeta, dessa vez Eliseu. No relato bíblico referido no título do poema (2Rs 4,8-32), a aflição da mulher é, primeiramente, a esterilidade, mas Eliseu roga a Deus por um filho e a mulher concebe um filho. Segundamente, outro sofrimento ocorre por uma doença que ameaça a vida desse filho, mas o profeta age para que ele viva (FARIA, 2016b, p. 49):

O absurdo pode sempre visitar-te quando quiser
 Tens um lugar para ele. Em cada dia uma nova entrada.
 Tens a memória e sobre o banco à tarde

A mulher. Vamos construir – disse- um quarto no terraço
Quatro paredes de tijolo e uma lâmpada ao centro
Uma cadeira, uma mesa. A bilha
Ficará connosco e beberá aqui.

O absurdo pode sempre visitar-te quando estiveres no campo
E teu filho te disser: a minha cabeça
Pondo a mão sobre a nuca, tendo largado a foice.
O absurdo pode sempre parar à tua porta
Com teu filho sobre o jumento pardo
Pode sempre visitar-te no rosto da mulher
- Era meio-dia sobre meus joelhos -
E chamarás. Abrirás em cada dia
Uma nova entrada por onde possa visitar-te
Sentar-se aí ao teu lado. Onde costumás envelhecer.

O eu lírico repete três vezes a “visita do absurdo” (uma quarta vez implicitamente no verso: “pode sempre visitar-te no rosto da mulher”) como metáfora da visita do profeta Eliseu e da ação divina, ambas não nomeadas no poema. Enquanto o texto bíblico fala da alegria da acolhida do profeta, do nascimento da criança e da reanimação de sua vida, o eu lírico focaliza a enfermidade do menino, a angústia da mulher e seu envelhecimento. Essas duas últimas poesias não trazem os nomes das mulheres, mas dos lugares onde se passa o episódio.

O poema seguinte não apresenta personagens nem acontecimentos bíblicos. O eu lírico repete duas vezes um único versículo da Bíblia: “É como a nave mercante, que importa de longe o grão”. (Pr 31,14). O contexto literário da referida citação é um elogio à mulher comprometida com o lar. A poesia amplia uma dessas características para mostrar a estabilidade e a fecundidade (FARIA, 2016b, p. 52):

O coração da mulher é alto
Mas nem só por isso a mulher oscila
Ela é como o navio mercante
Que chega carregado de grão

A mulher é o tear dentro da vida
Nem por isso a mulher é mais do que a vida
Ela é como navio mercante
Que chega carregado de grão

Embora no texto bíblico a mulher seja elogiada por habilidades domésticas; na poesia, o enaltecimento da mulher se dá por qualidades interiores. O coração, sede da inteligência, do desejo e dos sentimentos (MONLOUBOU; DU BUIT, 2003, p. 152), é estável, apesar de alto. A mulher gera e cuida da vida. Por isso, ela se compara a um navio com grãos: robusta, plena, dinâmica e capaz de alimentar a muitas pessoas. Não há angústia ou sofrimento nesse poema.

Raquel, na Bíblia, é uma das esposas de Jacó e a mãe de José e Benjamim (Gn 35,24). O texto ao qual se refere o poema (Jr 31,15) apresenta o pranto dessa mãe pela morte de seus filhos, imagem da descendência de Jacó, ou seja, o povo judeu. A poesia mais uma vez relata essa dor (FARIA, 2016b, p. 54):

Do lado de Ramã matam-se os cordeiros
E Raquel em luto no coração dos filhos bombeia o sangue
Com as fundas lança-lhes a vida
Ela come o chão como planta que respira
E no fio do seu pranto desfaz os seus sentidos
Gerou o que não vive o menos do que o nada
É a mãe do que não vive e não quer ser consolada

Outra vez aparece o tema do sofrimento, as lágrimas e a angústia de uma mulher. Outra esposa de patriarca como Sara. No entanto, a aflição não era por causa da esterilidade, mas a morte dos filhos (descendência).

Finalmente, a última mulher da série de poemas não possui nome nem na Bíblia nem na poesia de Daniel Faria. O título apenas identifica sua característica principal: “a mulher adúltera”. A referência bíblica não é explicitada, mas o episódio se encontra em Jo 8,1-12, a narrativa de um encontro de uma prostituta prestes a ser apedrejada com Jesus, assim declamada pela poesia de Daniel Faria (2016b, p. 58): “Não turbam a água dos meus olhos / As pedras que me atiram sobre o corpo / As tuas mãos vazias este muro / Branco me doem muito mais”.

O eu lírico se focaliza no encontro e contrasta a condenação, as pedras e a morte dos dois primeiros versos com a salvação, o muro e a proteção do encontro subtendido com Jesus. Omitem-se a condenação, a presença dos mestres da lei, o diálogo e a humilhação da mulher. O encontro redentor da mulher é também dor na poesia: “me doem muito mais” (FARIA, 2016b, p. 58).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao contrário de outros literatos que tomam consigo temas bíblicos mais populares, como por exemplo, a criação, Adão e Eva e a vida de Jesus. Daniel Faria opta por textos e personagens menos conhecidos.

A Bíblia serve de inspiração para o poeta. Ele tem a experiência de leitura e oração devido a sua vida monástica. Tal vivência se expressa na sensibilidade dos poemas e na insistência de encontros epifânicos: as mulheres com os profetas, a mulher adúltera com Jesus e, ainda, Zaqueu com Jesus. Esse traço caracteriza sua poesia: “figuração da morte como uma questão de linguagem, a palavra poética como espaço limite, como risco de existência, como fronteira entre o desconhecimento e a revelação, num processo contínuo de busca e de perda,

um sacrifício permanente do sujeito para habitar de outra forma este mundo que é uma construção de palavras”. (ALVES, 2007, p. 106).

Há uma predominância de personagens sofrendores ou de instantes de sofrimento. Especificamente com as mulheres, Daniel Faria não escolhe as heroínas da tradição religiosa: Ester, Judite, Ana, Débora, Miriam, Maria ou outras. O autor prefere mulheres coadjuvantes, exceto Sara. Enquanto na Bíblia elas estão em segundo plano, na poesia, elas aparecem em primeiro plano, como protagonistas.

A preferência pela angústia se desmonta nas poesias mesmo quando nos episódios bíblicos há um “final feliz”. Da nossa seleção, o único sem desfecho triste é a poesia “A mulher adúltera” que conclui: “As tuas mãos vazias este muro / Branco me doem muito mais”. (FARIA, 2016b, p. 58).

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ida. A poesia de Daniel Faria: a claridade da morte. *Via Atlântica*, n. 11, p. 102-15, jun. 2007.
- AZEVEDO, Carlos. Soubesse eu morrer iluminando: o sentido da morte em Daniel Faria. *Revista Interdisciplinar sobre o Desenvolvimento Humano*, n. 1, p. 53-58, 2010.
- BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2002.
- FARIA, Daniel. *Explicação das árvores e outros animais*. Belo Horizonte: Chão da feira, 2016a.
- FARIA, Daniel. *Homens que são como lugares mal situados*. Belo Horizonte: Chão da feira, 2016b.
- FURTADO, Maria Teresa Dias. Daniel Faria: se fores pelo centro de ti mesmo. *Didaskalia*, v. 37, n. 2, p. 121-135, 2007.
- MONLOUBOU, Louis; DU BUIT, François Michel. *Dicionário Bíblico Universal*. Petrópolis: Vozes, 2003.